

A POÉTICA INDÍGENA NO CONTEXTO ESCOLAR: CAMINHOS PARA VALORIZAÇÃO DA CULTURA ANCESTRAL

INDIGENOUS POETRY IN THE SCHOOL CONTEXT: WAYS TO VALUE ANCESTRAL CULTURE

Thaila Bastos da Fonseca¹

ROR Secretaria de Estado de Educação do Amazonas

thailabastos@yahoo.com



RESUMO: O Este trabalho visa abordar a cultura dos povos originários, despertar o interesse pela leitura e escrita e investigar o processo de construção da identidade cultural dos povos indígenas em sala de aula. Como também, colocar em evidência a literatura indígena produzida por escritores indígenas no contexto escolar, para assim desconstruir estereótipos e visões equivocadas sobre os povos ancestrais. A proposta é relevante uma vez que, os alunos conheceram as diversas obras de autores indígenas existentes e produzidas na Amazônia. Nesta perspectiva, ao ter acesso e conhecimento desta literatura, é mostrar a resistência desses povos, os quais durante muito tempo sofreram uma tentativa de silenciamento. A problemática emerge partindo do pressuposto de que é oferecido dentro dos espaços escolares, vivências descontextualizadas e que não fazem parte da ancestralidade dos estudantes. Para o aporte teórico foram selecionados Graúna (2013); Kambeba (2018); Munduruku (2018). Como resultados mais expressivos, a pesquisa possibilitou a valorização da cultura dos povos indígenas e de todo seu acervo ancestral, através das produções poéticas dos estudantes e contribuiu para o processo de descolonização escolar fazendo valer a Lei 11.645/08, que visa garantir nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Poética; Indígena; Escola; Valorização; Ancestralidade.

ABSTRACT: This work aims to address the culture of indigenous peoples, awaken interest in reading and writing, and investigate the process of constructing the cultural identity of indigenous peoples in the classroom. It also aims to highlight indigenous literature produced by indigenous writers in the school context, in order to deconstruct stereotypes and mistaken views about ancestral peoples. The proposal is relevant since the students became familiar with the various works of indigenous authors existing and produced in the Amazon. From this perspective, having access to and knowledge of this literature shows the resistance of these peoples, who for a long time suffered an attempt to silence them. The problem arises from the assumption that decontextualized experiences that are not part of the students' ancestry are offered within school spaces. For the theoretical contribution, the following were selected: Graúna (2013); Kambeba (2018); Munduruku (2018). As more expressive results, the research made it possible to value the culture of indigenous peoples and their entire ancestral heritage, through the poetic productions of students and contributed to the process of school decolonization, enforcing Law 11.645/08, which aims to guarantee in public and private elementary and secondary education establishments, the mandatory study of indigenous history and culture.

KEYWORDS: Poetics; Indigenous; School; Appreciation; Ancestry.

REVISTA
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 26 (Jan-Jun/2025)

Informações sobre os autores:

1 Mestra em Ciências Humanas e Teoria, História e Crítica da Cultura pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA-2019). Graduação em Letras Língua-Inglesa pela Universidade do Estado do Amazonas e através do Programa de Formação de Professores (UEA-PARFOR-2018). Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (2011), possui Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade do Estado do Amazonas (2015).



10.29281/rd.v13i26.17834

Fluxo de trabalho

Recebido: 26/03/2025

Aceito: 01/07/2025

Publicado: 10/07/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

Plagius



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal descrever as atividades e as experiências desenvolvidas no âmbito do Projeto de Iniciação à Docência Interdisciplinar História/Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A temática visa abordar a cultura dos povos originários, despertar o interesse pela leitura e escrita e investigar o processo de construção da identidade cultural dos povos indígenas em sala de aula. Como também, colocar em evidência a literatura indígena produzida por escritores indígenas no contexto escolar, para assim desconstruir estereótipos e visões equivocadas sobre os povos ancestrais.

Além disso, propõe desenvolver o potencial artístico e poético dos estudantes, contribuindo para o protagonismo estudantil. Como também, desestabilizar concepções etnocêntricas sobre os povos indígenas. A temática é relevante, uma vez que os alunos conheceram as diversas obras de autores indígenas existentes e as produzidas na Amazônia. Nesta perspectiva, ter acesso e conhecimento desta literatura no contexto escolar é mostrar a resistência desses povos, os quais durante muito tempo sofreram uma tentativa de silenciamento. Além disso, contribuir para o processo de descolonização escolar, colaborando para a ruptura da colonialidade. Para assim, fazer valer a Lei 11.645/08, a qual visa garantir “[...] nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”.

A problemática emerge partindo do pressuposto de que é oferecida dentro dos espaços escolares, vivências descontextualizadas e que não fazem parte do cotidiano, tendo em vista que a mesma “escola que tem a preocupação em se integrar com a comunidade e capacitar seus alunos para nela atuarem, quer ignorar as manifestações de cultura que impregnam a comunidade de onde seus alunos provêm: a cultura popular” (Souza, 2011, p. 34). A autora destaca também que “grande parte dos amazônidas não valoriza o que o índio tem para lhe dizer, não acredita que é importante para a geração atual valorizar esta herança” que proporciona a identificação da cultura. Diante disso, é conveniente destacar que:

Há uma miríade de estudos e fatos evidenciando que o processo de escolarização no nosso país foi baseado nos conhecimentos do colonizador, o que contribuiu para a invisibilização dos saberes dos povos indígenas ao longo dos séculos, sendo uma característica primária da colonização (Oliveira; Cruz, 2022, p. 183).

Mediante a citação em destaque, é necessário pensar e trazer para o chão da escola práticas pedagógicas que evidenciem os conhecimentos local e ancestral, romper com

o saber hegemônico e construir caminhos para a pluralidade, na tentativa de superar a dominação eurocêntrica nos espaços escolares. Posto que, em aquiescência com Moreira e Candau (2003, p. 161) :

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio.

Diante do exposto, é urgente que as escolas, em seus planos de ações internos, promovam diálogos, ações interculturais e multiculturais que afirmem as identidades dos povos indígenas na escola. Pensar em um currículo que se assenta fora dos padrões eurocêntricos de educação e construir práticas pedagógicas através de um pensamento decolonial. Isso implica o contato direto com obras literárias de autores e escritores indígenas. Somente assim estar-se-á promovendo uma educação libertadora e plural, priorizando o respeito à cultura indígena e sua ancestralidade. A inserção da produção literária indígena nas grades curriculares é imprescindível e necessária.

Não é a intenção aqui desprivilegiar o pensamento ocidental, mas construir uma educação libertadora pautada no entrelaçamento do saber indígena com os saberes de outros povos. Uma vez que as questões culturais não podem mais ser ignoradas pelos educadores. Diante disso, é necessária a construção de uma escola “a partir de um pensamento decolonial, ou seja, que imprime novas epistemologias destacadas como essenciais no fortalecimento da identidade étnica e cultural dos diferentes povos indígenas” (Oliveira; Cruz, 2022, p. 184).

Para isso é necessário pensar a escola como um espaço de entrelaçamento de culturas, e as práticas pedagógicas devem ser pensadas e construídas a partir de uma perspectiva da decolonialidade, privilegiando as diferenças culturais e o multiculturalismo. Para Moreira e Candau (2018, p.16), “conceber a dinâmica escolar nesta perspectiva supõe repensar seus diferentes componentes e romper com a tendência homogeneizadora e padronizadora que impregna suas práticas”. Posto que:

No caso da escola, sequer há o contato com obras literárias de autoria indígena. E não há esse contato porque os cursos de graduação pelos quais os professores e professoras foram formados não ofereceram e não oferecem sequer a literatura indígena como matéria de discussão. Isto é, a própria universidade negligencia a existência da literatura indígena e sua importância para a promoção dos conhecimentos indígenas (Rodrigues; Caldas; Simões; Dantas, 2023, p. 30).



Para a incorporação de uma perspectiva multicultural no chão da escola é de suma importância que os cursos de formação de professores estejam despidos de estereótipos que desprivilegiam a cultura local, regional, os grupos étnicos e as sociedades tradicionais. Aliado a isso, é possível constatar a resistência de alguns educadores em privilegiar nas suas práticas questões multiculturais, por deduzirem que temáticas desta natureza fogem do currículo escolar. Mediante tal problemática, Moreira e Candau (2018, p.19) destacam :

As questões relativas ao multiculturalismo só recentemente têm sido incluídas nos cursos de formação inicial de educadores/as e, assim mesmo, de modo esporádico e pouco sistemático, ao sabor de iniciativas pessoais de alguns professores/as. Quanto à formação continuada, por iniciativas oficiais e de várias organizações não governamentais, algumas vezes em parceria entre organismos públicos e ONGs, várias experiências têm sido promovidas no sentido de favorecer a incorporação da perspectiva multicultural na educação básica. Também a pesquisa sobre esta temática vem adquirindo pouco a pouco maior visibilidade e abrangendo diversas dimensões.

Vale frisar que a Amazônia é portadora de uma pluralidade de mundos, um universo multicultural, então não tem como pensar a educação básica desta região, sem levar em consideração esse arcabouço cultural plural que ela agrega. Trabalhar relações étnicas e culturais é construir estratégias pedagógicas nesta perspectiva, e sobretudo, reconhecer que vivemos e respiramos um espaço multicultural. Partindo disso, é necessário promover uma educação que reconheça a importância da cultura do outro, sem juízos de valores.

Abrir espaço para interculturalidade nos espaços escolares, sobretudo, na educação básica é promover uma aprendizagem entre culturas que ensina condições de respeito e igualdade. É um processo de construção de conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes que visa a valorização e o reconhecimento das diferenças culturais.

Neste sentido, a literatura indígena, produzida por autores indígenas, tem uma relação muito forte com os aspectos culturais, territoriais e de expressões identitárias dos povos indígenas. Diante disso, ao aplicá-la no contexto escolar, é um presente de afirmação das alteridades e identidades indígenas no contexto atual. Através dela, é possível proporcionar aos estudantes a tomada de consciência da construção da sua própria identidade cultural, seu processo híbrido e de entrelaçamento com outras culturas, para assim reconhecê-la e valorizá-la.

Deste modo, as propostas metodológicas multiculturais em educação envolvem um posicionamento claro a favor da luta contra a opressão e a discriminação a que certos grupos minoritários têm, historicamente, sido submetidos por grupos poderosos e privilegiados. Diante disso, viabilizar o reconhecimento da identidade ancestral, ética



e indígena, por alunos protagonistas é fazer valer nos espaços escolares o que rege a Lei 11.645/08, e sobretudo, lutar pela defesa dos povos indígenas, dos seus povos de origem na busca de conhecimento da sua ancestralidade e afirmação. Assim, é relevante destacar que:

A colonização tentou impor violentamente seu silêncio de sangue e esquecimento às gentes. Impôs, dentre tantos absurdos, a letra alfabética. Contudo, as gentes humanas, agora chamadas indígenas, não esqueceram suas línguas originárias e permaneceram, por exemplo, nas mães que embalavam as redes dos curumins cantando canções de ninar, nos avôs e avós que contavam as histórias dos encantados ou que acendiam os fogões de lenha que alimentariam de memória e afeto seus filhos, filhas, netos e netas, outras gerações que vêm vindo a seguir (Rodrigues; Caldas; Simões; Dantas, 2023, p. 15).

Assim, mesmo com a imposição violenta da colonização, com a tentativa de silenciamento e apagamento da cultura e dos saberes dos povos originários, bem como o genocídio de inúmeras tribos, os povos indígenas resistem. Neste sentido, é através de trabalhos como esses que as vozes ancestrais indígenas ganham força e se revigoram.

1. A METODOLOGIA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia do trabalho é de cunho qualitativa, com abordagem participante, no intuito de colocar os estudantes como protagonistas da aprendizagem. Partindo do pressuposto de que práticas pedagógicas multiculturais e étnicas de acordo com Nogueira (2014, p.10), são constituídas por “imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões do real capazes de expressar e/ou de representar modos de vida, coisas e a natureza de um lugar”. A temática desta pesquisa prioriza o aprendizado mútuo, no qual todos(as) podem aprender com o outro, em um constante entrelaçar cultural. Uma vez que, as atividades propostas são etapas eminentemente educativas, participativas e coletivas.

A abordagem participativa é, antes de tudo, uma necessidade humana, uma atividade indispensável e uma grande aliada, principalmente nos espaços escolares: “a participação é o caminho natural para o aluno exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo” (Díaz Bordenave, 1985, p.16). Sendo assim, inicialmente, realizou-se uma pesquisa-ação participante, que visou, sobretudo, colocar os estudantes como protagonistas da aprendizagem, capazes de desenvolverem e produzirem saberes integrados às teorias de ação. Com isso o espaço escolar tornou-se mais atrativo, em que os estudantes demonstraram uma aprendizagem mais autônoma, social e coletiva.



Nessa perspectiva, Dallari (1991, p.44) destaca que “a participação coletiva só se dá por meio da integração em qualquer grupo social”. Desse modo, a educação e as instituições educacionais entram como ferramentas viabilizadoras da participação, pois “a qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a conhecer sua realidade; a refletir; a entender novos significados das palavras; a distinguir efeitos de causas” (Díaz Bordenave, 1985, p. 72-73).

Diante disso, vale destacar que esse tipo de análise ajuda os investigadores a evitar as armadilhas da ilusão de transparência e a descobrir o que se diz nas entrelinhas, para lá dos estereótipos. Neste sentido, isso permite ultrapassar a subjetividade das nossas interpretações. Para William Foote Whyte (2005 p. 301) “Em vez de trabalhar do passado para o presente deve-se primeiramente buscar um amplo conhecimento das condições presentes e depois seguir em direção ao passado”. Esse aspecto, faz com que a pesquisa se torne significativa e trace um perfil de observação mais participante na comunidade.

A pesquisa-ação educacional é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos. Assim, para estimular e implementar uma educação pautada na ação educacional participante, foi extremamente necessário fomentar uma cultura de ação participativa no espaço escolar. O estudo levou em consideração a importância dos sujeitos da pesquisa: os bolsistas de iniciação à docência e os discentes da rede estadual de ensino.

Para amostragem da pesquisa foram selecionados alunos do 3º ano do ensino médio, da Escola Estadual Frei André da Costa, localizada na área central do município de Tefé-Amazonas. O público-alvo referido corresponde aos discentes protagonistas e participantes do projeto de ensino desenvolvido âmbito do PIBID/INTERDISCIPLINAR/HISTÓRIA/LETRAS, da Universidade do Estado do Amazonas. Esse, por sua vez, é um programa federal de valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Concebe-se, assim, que a ação metodológica apresenta um enfoque diferente do método tradicional, no qual as pessoas são vistas como meros objetos de pesquisa.

Diante do exposto, partiu-se para a investigação participante, um processo “eminente educativo de autoformação e autoconhecimento da realidade na qual a pessoa, que pertence à comunidade ou ao grupo, sobre os quais recai o estudo, tenha uma participação direta na produção do conhecimento sobre a realidade” (Cano, 2003, p. 59). Dessa maneira, a pesquisa-ação participante tornou-se relevante para socialização e abertura do diálogo entre os integrantes do trabalho desenvolvido.

Vale ressaltar, que os resultados foram frutos de constantes conversas entre professora, bolsistas e os estudantes. Posto que, “a educação indígena é fortemente comunitária e não formal, baseada no consenso, na solidariedade e no senso do coletivo” (Gadotti, 2000, p.21), isso comprova o fato da abordagem participativa ter sido tão necessária e fundamental no processo de elaboração deste trabalho.

No que tange aos procedimentos metodológicos foi apresentada a proposta aos estudantes, em seguida explorou-se o poema: Índio eu não sou, da autora indígena Márcia Kambeba com leitura dialogada e atividades interpretativas. Realizou-se também rodas de conversas sobre a lei 11.645/08, bem como os desafios encontrados pelos povos indígenas na atualidade. Após, foi estudado o texto: A raiva de ser índio, do escritor indígena Daniel Munduruku, como também atividades de interpretação textual para melhor compreensão da temática.

Houve também estudos sobre a vida e obras do escritor Daniel Munduruku, com o intuito de levar os estudantes a conhecerem os escritos e a literatura produzida por autores indígenas. Após as atividades iniciais, foram realizadas também oficinas de produção poéticas e explanadas a estrutura de um texto poético. Para assim, promover a valorização e preservação da cultura milenar dos povos ancestrais da Amazônia nos espaços escolares, por intermédio de poesias autênticas, produzidas pelos pibidianos e estudantes. Uma vez que, o texto poético “é o espaço mais rico e amplo, capaz de permitir a liberação do imaginário e do sonho das pessoas” (Paes, 1995, p. 01).

Aliado a isso, Walter Benjamin, no prefácio do livro A voz do passado destaca: “... qualquer um de nós é uma personagem histórica” (Thompson, 1992, p.19). Neste aspecto, é possível contribuir para a preservação e ressignificação da tradição oral de um povo e a poesia indígena no contexto escolar torna-se uma grande aliada neste processo. A seguir, é possível constatar aspectos da cultura dos povos ancestrais nas poesias criadas pelos estudantes. Assim, “pensar a literatura indígena é pensar no movimento da memória para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade.” (Munduruku, 2018, p. 83).

SOMOS TODOS INDÍGENAS

Por Adriano Freitas

Em meio a tantos povos indígenas,
Omáguas, Kokamas, Kambebas.
Surge o despertar da nossa ancestralidade,
Povos que sofreram e lutaram.

Viviam em florestas,
Preservavam e cuidavam dos animais.
Moravam em aldeias,
Nossos ancestrais viviam em paz.



Apesar de tantas lendas e rituais,
Pelos portugueses foram considerados banais!
Grite, lute, suspire...
Pois somos a herança desses ancestrais!

RESISTÊNCIA INDÍGENA

Por Alcimara Rocha

Nas terras indígenas faço denúncias em versos.
Sangue foi derramado, em nome do progresso!
A cobiça desenfreada, envenenando a natureza,
A história indígena é uma ferida que não cessa!

Das aldeias silenciadas, ecoam as vozes,
Resistência, contra tantas escolhas atrozés.
Lutas pela terra, pela cultura e identidade,
Os povos indígenas ainda buscam por liberdade!

Quebrar as correntes, trazer justiça e igualdade,
Valorizar as raízes e a ancestralidade.
Povos indígenas, de lutas e resistências,
Que ainda lutam por sua sobrevivência!

Culturas tão ricas, saberes ancestrais,
Desrespeitados por interesses comerciais.
Que possamos aprender com sua história e tradição.
Valorizar suas culturas e suas crenças sem distinção.

POR QUE JULGAS OS POVOS INDÍGENAS?

Por Fábio Freitas da Rocha

Por que julgas os indígenas?
Se não sabes a sua história...
Por que julgas os indígenas?
Se não sabes sua trajetória...

Não sabes as dores que passaram?
O sofrimento e horror!
Então, procures saber,
O real sentido da dor!

São povos originários!
Os verdadeiros donos destas terras
Pois muitas pessoas desfrutaram
Desta conquista-invasiva!

Hoje é mais que necessário,
Terem visibilidade,
Nesta sociedade,
Que por muito tempo, os discriminaram!



VALORIZAÇÃO ANCESTRAL

Por Gabriela de Souza

Por um erro de rota que se deu,
Um estereótipo para nós nasceu!
Um nome errado e equivocado,
Que até hoje para o nosso povo é taxado!

Além de ser usada a generalização,
A sociedade comete o ato de segregação!
Com acontecimentos históricos que deixou
Vestígios do passado e a dor de algo que nos foi roubado.

O desejo instaurado é,
Que nossos antepassados sejam respeitados!
A valorização da tradição, pois uma cultura respeitada
Deve ser sempre celebrada!

INDÍGENA

Por Maria Sebastiana (Tiana)

Que desperte dentro de nós,
Os anseios dos nossos antepassados.
Para trazer à tona, nossas raízes culturais.
Presenteadas pelos povos ancestrais.

Os povos indígenas são guerreiros,
E têm sempre uma história para narrar
Através de suas dores e resistências,
Tem muito a nos ensinar.

Com respeito e amor,
Devemos os tratar
Não existe “cara de índio”
E sim uma identidade a nos representar!

As produções poéticas, dos sujeitos envolvidos na pesquisa, revelam memórias ancestrais de lutas, resistência e afirmação identitária. Essas poesias são uma tentativa de sentir e interpretar as diversas realidades e atrocidades vivenciadas pelos povos indígenas. No sentido de contribuir para a construção de uma sociedade em que as vozes sociais indígenas possam ser ouvidas, acreditadas e respeitadas. E não mais negligenciadas, subestimadas, silenciadas e marginalizadas, como foi durante muito tempo pela cultura eurocêntrica. Diante disso, Fonseca (2021, p. 268) destaca:

A ação colonial na Amazônia teve consequências irreparáveis, principalmente no que se refere ao patrimônio cultural imaterial desta região. Houve uma tentativa de silenciamento e apagamento da cultura da tradição oral, através de um discurso desqualificador dessas

narrativas e desprezo pela pluralidade de saberes, taxando o povo como primitivo.

Em contrapartida, as narrativas poéticas indígenas resistem e têm muito a ensinar, sobretudo, nos espaços escolares, se usadas de forma efetiva e que faça sentido na vida dos alunos, ela se torna uma grande aliada no processo de ensino e aprendizagem, e de conhecimento da cultura ancestral. Para Kambeba (2018), as narrativas dos povos indígenas “nos dão possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território” (p.39). Nesta perspectiva, é conveniente acrescentar que:

O toque poético pode ser encontrado desde as escrituras mais antigas dos povos indígenas até as escrituras da atualidade. O toque poético também pode ser sentido tanto nas narrativas orais quanto nas narrativas escritas. Ocorre que o pensamento ocidental tornou a escrita, sobretudo a escrita alfabética, o modelo de expressão humana de maior prestígio, levando os povos sem escrita alfabética a serem considerados inferiores, como aconteceu com os povos indígenas do Brasil, considerados povos ágrafos, portanto povos inferiores, durante séculos de contatos. Entretanto, desde as últimas décadas do século XX, após a insurgência dos povos indígenas nos vários campos da ação comunicativa, já houve significativa mudança de perspectiva – do povo brasileiro – em relação às concepções estereotipadas e estigmatizadoras a respeito dos povos indígenas, muito embora ainda haja setores conservadores e reacionários que nutrem discursos de ódio em relação aos povos indígenas (Rodrigues; Caldas; Simões; Dantas, 2023, p. 20).

Assim, através das produções poéticas, é possível constatar a forte presença da ancestralidade indígena, sinônimo de resistência, que atravessa gerações, e que fazem soar novas vozes poetizadas capazes de afirmar a identidade ancestral e cultural desses povos em sala de aula. Para Graúna (2013, p. 55), “apesar da falta de seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível”. Essas vozes ecoaram se fizeram ouvir por intermédio de cada produção poética dos estudantes, mostrando que estão vivas as histórias e memórias dos povos indígenas. Porém isso só foi possível através da descolonização das práticas pedagógicas e o entrelaçamento dos saberes indígenas com os de outros povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta temática foi possível promover o respeito, afirmar as culturas e as vivências dos povos indígenas em sala de aula, como também levou os estudantes a terem consciência da sua ancestralidade. A aplicação do projeto corroborou também para



a aquisição do hábito da leitura e escrita poética no âmbito escolar. Bem como, promoveu o respeito à diversidade cultural dos povos indígenas prevista na lei nº 11.645/08 e a divulgação das produções literária produzidas por escritores indígenas. Uma vez que, esses povos resistem e são portadores de uma multiplicidade de saberes e conhecimentos, os quais atravessam gerações.

A pluralidade cultural oportunizou uma abordagem diversificada e de característica interdisciplinar no âmbito escolar, como também foi um meio incentivador para o ensino de literatura, história e cultura indígena em sala de aula. Pois engendra acontecimentos que se passaram em um tempo remoto, misturando fatos reais e históricos com fatos irreais de uma pluralidade de mundos. Após a conclusão do projeto realizado, inferimos que o texto poético possibilita ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao outro e ainda o mundo que está a sua volta. Posto que os estudantes foram levados à recriação e à busca de novos sentidos que um texto poético pode oferecer. Desta forma, é relevante destacar que, ao entrar em contato com a poesia, os discentes se sensibilizam ante o mundo ancestral e consigo mesmo. Além disso, o trabalho desenvolveu também o potencial artístico dos alunos, levando-os a produzirem, de forma autêntica, suas poesias iniciais.

A pesquisa-ação possibilitou a valorização da cultura dos povos indígenas e de todo seu acervo ancestral, através das produções poéticas. Com isso, desmistificamos atitudes preconceituosas ainda pertinentes entre os alunos, devido às marcas da invasão colonial. Assim, é relevante destacar que esses povos resistem e estão conquistando seu espaço, sobretudo, na produção literária. Assim, reitera-se a necessidade de esses saberes serem difundidos nos espaços escolares. A pesquisa não se encerra aqui, ela apresenta alguns pontos de partidas de como trabalhar práticas pedagógicas decolonias em sala de aula, fazendo valer o que rege a Lei 11.645/08.

REFERÊNCIAS

BASTOS DA FONSECA, T. Poesia pan-amazônica: resistência e valorização da cultura local na escola estadual são josé, Tefé-Amazonas. **Revista Decifrar**, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 266–278, 2021. DOI: 10.29281/rd.v9i17.9118. Disponível em: //periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/9118. Acesso em: 11 mar. 2024.

CANO, Flores M. **Investigación participativa: inicios y desarrollos**. Xalapa: Nueva, 2003.

DALLARI, Dalmo A. **O que é participação política**. 9. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é participação**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 3.ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Mazza Edições, 2013.

KAMBEBA, M. W. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, J.; DANNER, L. F.; CORREIA, H.H.S.; DANNER, F. (Orgs). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. **Educação escolar e culturas: construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, mai.-ago, 2003.

_____. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MUNDURUKU, D. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. In: DORRICO, J.; DANNER, L. F.; CORREIA, H.H.S.; DANNER, F. (Orgs). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi Bumbá: imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Valer, 2014.

OLIVEIRA, M. I.; CRUZ, J. G. Epistemologias decoloniais: reflexões a partir da educação escolar indígena na cidade de Manaus-Amazonas. In: NASCIMENTO, A. C. S.; SILVEIRA, C.; LOUREIRO, L. F.; SOUSA, M. J. S.; OLIVEIRA, P. T. (Orgs). **Interfaces da educação e da docência na Amazônia**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

PAES, José Paulo. **Quem, eu? Um poeta como outro qualquer**. São Paulo: Atual, 1995.

RODRIGUES, A. C. A.; CALDAS, E. C. R.; SIMÕES, L. B. T.; DANTAS, P. V. C. (Orgs). **Literatura indígena: práticas leitoras para a sala de aula**. Rio Branco: Nepan Editora, Edufac, 2023.

SOUZA, Anervina. **As Lendas Amazônicas em Sala de Aula – Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural**. 2. ed. Manaus: Valer, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.